

Uma reflexão sobre a teologia bíblica de missões no contexto evangélico brasileiro da atualidade

Uipirangi Franklin da Silva Câmara¹

O desafio do apóstolo Paulo em Romanos 10:14: “... *E Como ouvirão, se não há quem pregue?*” Romanos 10:14. Além de um chamamento, torna-se um apelo à reflexão. O Evangelho precisa ser anunciado, o mundo precisa conhecer Cristo, Deus precisa fazer parte da vida humana. Mais que fazer uma exegese do que Paulo diz nesta passagem, a questão urgente é: como entender a mensagem do evangelho e até o próprio evangelho no mundo atual, com uma nova maneira de pensar, de agir, novos valores. O que realmente é servir a Deus, ou fazer sua vontade, ou mesmo aceitar o evangelho? Qual a base de sustentação do que conhecemos como fazer missões? Quais os fundamentos? Quais as abordagens corretas? Estamos verdadeiramente preocupados com esta questão enquanto Igreja Evangélica Brasileira?

Somos atualmente quase 6 bilhões de pessoas no mundo. Vivemos uma época de paradoxos nunca antes imaginados. Temos o maior avanço tecnológico da história da humanidade e no quintal, os maiores índices de pobreza, de mortandade, de enfermidades e descrenças. Falamos de paz e fazemos guerras. Dizemos, por exemplo, que o ser humano precisa fortalecer os laços familiares ao mesmo tempo em que já nem mesmo conseguimos definir o conceito de família. Diga-se de passagem, que hoje, necessariamente, não é composta de homens e mulheres, mais de duas pessoas que se amam (não importando o sexo). Buscamos a integração entre o exterior e o interior, e cada vez mais estamos divididos.

Temos uma nova meta em termos de humanidade: *O mar já não existe*. O que conhecemos hoje como globalização, a cada dia, é um processo mais e mais avassalador. Como dizem alguns, o mundo é

¹ Professor do Seminário Teológico Batista do Paraná, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. Mestrando em Teologia- Seminário Teológico Batista do Paraná, Pós-graduando em Tecnologias Educacionais na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Pr. da I.B. Hauer.

uma aldeia global. O anseio por uma única economia, uma linguagem comum, um ideal único para a humanidade, já não faz mais parte de livros de prognosticadores, mas uma realidade cada vez mais presente.

Os escritores John Naisbitt e Patrícia Aburdene² descrevem o renascimento religioso como uma das características predominantes no homem do terceiro milênio. Esse renascimento é marcado por uma espiritualidade sem religião organizada, fortalecido pela frustração com a ineficácia da ciência e tecnologia em possibilitar um significado à vida. O homem está fascinado com a “descoberta” do seu lado “não racional”. Não basta ir longe para descobrir que ambos acertaram em seu prognóstico (ou leitura da realidade). A mídia encarrega-se de dar-lhes razão quando noticiam os reflexos da nova espiritualidade em todos os cantos do mundo. Espiritualidade e Irracionalismo parecem sinônimos na vida do homem moderno quando na expressão do sentimento religioso. Basta ver os suicídios físicos e mentais observados nos Estados Unidos, Japão, Índia, África e principalmente aqui no Brasil.

O que nos impressiona, no entanto, é a convivência desastrosa entre o crescimento da espiritualidade e o avanço tecnológico, científico, balizados por um acesso à comunicação nunca antes visto desde babel. O homem moderno se ufana de atingir o mais alto índice de “racionalidade”, traduzido em avanço tecnológico, desde a sua criação e apesar disso, continua caindo no engodo mais antigo de sua vida: uma espiritualidade dissociada da razão/revelação. Esse encantamento é tão notório que escritores como Pietro Ubaldi³, por exemplo, chegam a propor uma nova sociedade para o terceiro milênio com base numa síntese do conhecimento científico-filosófico capaz de abrigar sob seu guarda-chuva os diversos fenômenos do campo científico, moral e social. Alguns chegam até o ponto de encontrar na Tecnologia um meio de transformar o mundo “carregado de ambivalências” como é o caso, por exemplo, de Joana Sancho⁴.

² NAISBITH, página 322.

³ UBALDI, Pietro. *A Nova Civilização do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1982.

⁴ SANCHO, Ivana Maria (org.) *Para Uma Tecnologia Educacional*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

O problema do homem moderno perpassa o nível do sentimento religioso e atinge a integridade de sua vida quando da expressão desse sentimento. Não se diz mais que a religião é coisa do camponês ignorante, que instigado pelo ópio foge da realidade. O sentimento religioso é globalizado, total, único, embora, tristemente marcado pela irracionalidade e superficialidade. Sozinho, numa experiência religiosa puramente estética, o homem religioso perde a capacidade de desenvolver temas relevantes para o desenvolvimento de sua fé, para a construção de bases seguras, confiando puramente no engano do coração. O que nos resta perguntar é o motivo pelo qual, no Brasil, cresce uma busca por uma espiritualidade fora da esfera das religiões organizadas. E o que é pior é ver na Igreja Evangélica Brasileira os mesmos reflexos observados na sociedade como um todo. Vejamos bem o exemplo da difusão do respeito pela individualidade, direito de escolha e liberdade. Dentro deste contexto, o que conhecemos como evangelização passa a ser conhecido como intolerância religiosa ou beataria, como crê, por exemplo, o Hinduísmo reformado⁵.

Uma Igreja que vive em função do sensitivo, embora articule qualquer esboço doutrinário, deixa de tratar de pontos essenciais à sua singularidade. Igreja é um organismo espiritual, tem uma função e um propósito. Enquanto se discute onde Deus “opera mais” corre-se o risco de perda do referencial. Quais são realmente as questões relevantes em termos existência, de mensagem e do que comunicar? Onde está o nosso foco? O perigo já não mora ao lado, já é nosso hóspede. Corremos o risco de ser uma grande rede de serviços a mercê do homem moderno. Temos até mesmo medo do PROCON.

A lógica deveria ser a seguinte: *“Onde se experimenta mais de Deus, mais se tem o compromisso de falar dEle”*. Não é isso o que está acontecendo. Um exemplo clássico de confusão de termos e de incompreensão bíblica é o que ocorre em nosso país quanto a missões. Ted Limpic⁶ observa com propriedade ao tratar do envio de missionários, apenas uma das facetas do que acontece na prática da Igreja, fora dos discursos missais:

“(...) A posição teológica das agências enviadoras brasileiras é digna de comparação com a natureza fortemente Pentecostal da

⁵ Copeland, p.55.

⁶ Valioso Demais para que se perca, pg. 129

Igreja Evangélica Brasileira. As estimativas são de que pelo menos 70% dos evangélicos brasileiros têm orientação pentecostal ou carismática. Contudo apenas 18% dos missionários brasileiros são enviados por agências ou secretarias denominacionais de convicção pentecostal.”

Temos ainda um conceito missionário? Qual é a base bíblica correta para se fazer missões? É salvar o mundo, alegrar o coração de Deus, Glorificá-lo ou simplesmente sermos obedientes? Não tenho pretensão de, neste esboço de uma Teologia Bíblica de Missões, ser original, descobrir uma nova ideia, ou mesmo combater qualquer uma já existente e nem tampouco fazer um sermão missionário.

Além de aprofundar os reflexos da modernidade sobre o conceito e envolvimento missionário da Igreja Evangélica Brasileira, meu objetivo é desenvolver uma Teologia Bíblica de Missões que leve em conta a nova situação do mundo: Um mundo sem fronteiras. A situação da Igreja: Uma Igreja com mensagem, mas ao mesmo tempo perdida na comunicação, e o sempre desejo de Deus: fazer parte da vida do homem.

O livro de Gênesis responde a uma das maiores inquietações do homem moderno: somos ou aparecemos? Aparecemos como produto de uma evolução natural ou fomos criados? Planejados cuidadosamente ou mero acaso do processo evolutivo? Independente da linguagem que o autor de Gênesis usou para ilustrar as verdades apreendidas oralmente, e por mais que pareça fácil, é justamente aqui que encontramos as verdades mais fundamentais acerca do propósito de Deus para o homem e para o mundo.

A Dra. Louise Brown, cientista da Nasa, numa palestra em 1999 no Seminário Teológico Batista do Paraná, ao ser questionada sobre a possibilidade de, em suas pesquisas, ter encontrado algum indício da existência de Deus, respondeu categoricamente: “*Eu não creio em Deus por causa de algum indício (prova) científico que tenha verificado ou descoberto, creio em Deus porque a Bíblia me afirma a existência dEle*”. Esse foi o mesmo entendimento do autor de Gênesis. A declaração é clara e inequívoca:

No princípio, criou Deus os céus e a terra. (Gn 3:1)

A partir da narrativa bíblica, o universo tem um princípio: foi criado por Deus. Os versículos seguintes não realçam apenas a figura do criador, mas um princípio inteligente propósito em toda a sua obra. A narrativa bíblica divide a criação em períodos, deixando às claras uma ordem na criação e usa a expressão - viu Deus que isso era bom - para não deixar dúvidas de que Deus havia acertado em tudo o que criou, inclusive o homem.

O que os missiólogos comumente afirmam como o mandato cultural, expressa mais que uma ordem de Deus, é na verdade a declaração do sentido da presença humana na terra e seu relacionamento para com ela:

E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, encheia terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céus e sobre todo animal que rasteja pela terra. (Gn 1:28).

O passo decisivo na história da criação da humanidade encontra-se no diálogo entre Deus e o homem, com uma ênfase principal num balizamento (parâmetro) para a vida humana:

E o Senhor lhe deu essa ordem: *“De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.”* (Gn 2:16,17).

A grande questão que surge neste momento da narrativa da criação do homem, é o fato de que mesmo sendo criado à imagem e semelhança de Deus, de alguma maneira, poderia perder a grande parte do possível significado da palavra imagem em sua vida, e conseqüentemente seria isolado da presença, convívio, conhecimento de Deus, tão fundamentais para sua sobrevivência na terra. Essa declaração é clara na expressão: *certamente morrerás* (Gn 2:17).

A opção do homem, e é importante frisar que foi uma opção. E opção é uma tomada de posição entre duas alternativas, foi a de viver sem levar Deus em consideração. Deslumbrado pela possibilidade de

dominar sozinho todo o universo, o homem cede à sedução maligna e desobedece a Deus (Gn 3:1-6). Consequentemente experimenta a morte e coloca a mercê da morte toda a natureza, que sem possibilidade de fazer qualquer escolha, dependia exclusivamente do homem, pois a ele foi confiada. Uma coisa fica bem clara em Gênesis: Não há vida à parte de Deus.

A escolha do homem gerou ao longo da história suspeitas de que Deus havia errado na sua criação, ou na pior das hipóteses apostado errado. Como conciliar a declaração de que tudo que Deus havia feito fora perfeito, com a desobediência daquele que justamente foi criado com diferencial na natureza (feito à sua imagem e semelhança)? Larry Pate, escrevendo sobre a missão transcultural da Igreja, diz que Deus havia previsto a possibilidade do homem pecar e mediante essa “previsão” proveu uma solução:

“(...) Seria justificável que Deus destruísse a todos os rebeldes ou parte deles. Mas ele havia previsto a possibilidade do pecado e ideado um meio para resgatar o homem.”⁷

Carriker não trabalha com a palavra “previsão” quando trata da reação de Deus frente ao pecado do homem. Pelo contrário, usa de forma contundente a expressão Soberania de Deus. Muito mais que demonstrar um Poder que cumpre a revelia o que bem deseja, Carriker afirma que os propósitos imutáveis de Deus se cumprirão. Há uma clara diferença entre previsão do que pode acontecer e uma soberania que sabe o que vai acontecer e já se antecipa “abstrata” e historicamente:

“(...) Mesmo assim, apesar da introdução do pecado no mundo, em hipótese alguma a soberania e o controle de Deus são comprometidos. Assim que o homem caiu, Deus asseverou Sua soberania e pleno controle da história.”⁸

Em sua soberania, Deus provê um meio de restaurar o homem à sua posição original e então retomar o propósito de sua existência no mundo. Esse meio, conhecido teologicamente como Redenção, palavra de missiólogos, o seu núcleo aqui. Na expressão usada por

⁷ Pate, pg. 6.

⁸ Carriker, pg. 26.

Deus em Gênesis 3:15 - e este te ferirá a cabeça - surge o termo proto-evangelium. Aqui muitos colocam o marco inicial do movimento de missões.

Concordando que aqui seja o ponto de partida para missões, a pergunta central é: o que realmente temos que dizer ao homem e qual a nossa motivação para dizê-lo? Mais que tentarmos descobrir verdades, tateando no escuro, é preciso entender qual é a vontade de Deus. E pelo menos numa coisa todos concordam: só podemos entender as verdades de Deus se Ele mesmo as revelar. A revelação como ato de Deus fazer conhecido ao homem sua pessoa, planos e propósitos, apresenta-se inicialmente em duas vertentes principais: **A Revelação Geral** - Deus é manifestado a todos os homens, em todos os lugares pelas sobras da natureza, pela consciência moral, pela providência universal (Sl 19:1; Rm 19:1). Revelação essa que tem de imediato o intuito de fazer Deus glorificado e conhecido pelo homem, oferecendo base moral para a organização da vida na sociedade e preparando o homem para entender e buscar a Deus, conhecendo assim sua vontade.

A outra vertente da revelação de Deus, chama-se **Revelação Especial**. Distinta caracteristicamente da primeira por ser uma revelação identificável historicamente. E por este motivo, traz a tona uma verdade mais completa e essencial. Alan Richardson difere ambas da seguinte maneira:

“(...) a primeira não é histórica, e o seu conteúdo não é comunicado à humanidade por meio de situações históricas particulares, mas independe muito dos acidentes de tempo e lugar; ao passo que a revelação especial é histórica, i.é., adstrita a certa série de personagens e acontecimentos históricos, por cujo meio é comunicada à humanidade.”⁹

A revelação não apenas mostra o objetivo de Deus, como também, o seu caráter justo, bondoso, misericordioso e imparcial (Romanos 3:21-23). A revelação do caráter de Deus, em si, já resolve muitas questões pendentes, tais como a morte do homem, sua vida sem rumo, etc. Mas há algo que não podemos esquecer e que deve nos incomodar

profundamente: Deus é quem inicia o processo de reconciliação (João 3:16). E quando Deus fala de redenção em Gênesis 3, muito mais que um plano de última hora, mostra seu eterno propósito: Ele já havia preparado tudo mesmo antes do pecado do homem.

Stott disse certa vez que a história não é um fluxo de acontecimentos ao acaso, pois Deus está executando no devido tempo um plano que Ele concebeu na eternidade passada e que será consumado na eternidade futura. Em Cristo, Deus revela toda a plenitude de seu Ser (Colossenses 1:19;2:9).

E o que de básico Deus tem revelado? D.A. Carson em seu livro *The Gospel According to John*, EERDMANS, 1991, trata do que ele chama de *Replacement* (reposição). Ou seja, que as figuras do Velho Testamento apontam para Cristo ou em outras palavras, tem nEle o seu cumprimento. Por exemplo: Cristo é a serpente de Deus, O Templo de Deus, etc. Simplificando, o Novo Testamento não muda a mensagem original de Deus, pelo contrário enfatiza-a novamente e na mesma direção: Glória de Deus. A própria relação entre a trindade, explicada por Jesus em João 14, enfatiza a mesma coisa: Glória de Deus. Então, diante de disso perguntamos: O que falta em nós? O que uma Teologia Bíblica de Missões tem de ter em seus pressupostos?

A mensagem bíblica precisa ter um impacto muito mais profundo que imaginamos no mundo de alta tecnologia em que vivemos. Enquanto o “*homem científico*” busca desesperadamente descobrir a origem do universo e o sentido da vida, Deus se antecipa e diz: Estou aqui. E é justamente na atitude do homem e na resposta de Deus que encontramos um dos maiores desafios missionários da atualidade: o fato de Deus não fazer parte do mundo do homem moderno, muito embora, esse homem viva desesperadamente a procura de um sentido para vida. E o maior problema é que o homem se considera a figura central. Todas as coisas convergem em sua direção. O que é pior, é o fato desta declaração estar influenciando grandemente a maneira de se fazer missões. Há em alguns a sedução de fazer apelos missionários da seguinte forma: “*aceite a Jesus, por favor, senão Ele vai continuar chorando por*

você.” Aqui reside o problema. O homem precisa de Deus. Não importa quão moderno ele seja. Enquanto não entendermos que a busca por Deus tem de ser a meta da humanidade estaremos perdidos em relação à vida, e muito mais em relação ao ser Igreja.

Deus faz uma declaração tremenda em Isaías 49:3: “*Tu és o meu servo, és Israel, por quem hei de ser glorificado*”. Conhecer a Deus para glorificá-lo, não deve ser apenas a meta da humanidade, mas e principalmente da Igreja, de missões. O homem moderno precisa abrir os olhos não para sua situação, mas para poder enxergar o criador de todas as coisas, para depender dEle, glorificá-lo. Se alegrar nEle. Louvar o seu nome.

Falando sobre este mesmo tema, John Piper com muita propriedade diz o seguinte:

“(...) Se a busca da glória de Deus não for ordenada acima da busca do bem do homem nas suas afeições de coração e das prioridades da Igreja, o homem não estará bem servido e Deus não receberá a honra devida.”¹⁰

É nesta direção que também segue Jason Butler quando diz que a Igreja tem experimentado o poder, a presença e provisão de Deus quando depende de sua incomparável glória.¹¹ O que temos percebido não é uma nova ênfase missionária, como tantas outras. E nem tampouco uma nova roupagem para o Evangelho adaptando-o aos anseios do homem moderno. O que temos percebido é uma mudança radical, uma volta aos princípios imutáveis da Bíblia. Apocalipse nos dá uma mostra desta ênfase no seu capítulo 5. Povos de todas as tribos, raças e nações estão diante do cordeiro louvando, glorificando-o. A glória de Deus é o ponto central e o louvor como resposta do homem a essa glória e presença é a essência da mensagem deste livro.

O que a Igreja, portanto precisa fazer não está na esfera do planejamento. E muito menos na ação evangelística, isso não significa que ela não tenha que fazer revisões em sua estrutura e nem mudar sua forma de culto. O louvor a Deus é a grande resposta da Igreja ao homem moderno. Quando em Gênesis 12, Deus se revela a Abrão,

¹⁰ John Piper, *Let the Nations Be Glad*, Grand Rapids: Baker Book house, 1993.

¹¹ Jason Butler, *A Biblical Theology of Missions*, pg.5

desafiando-o a abençoar, diz a ele também: *Sê tu uma bênção*. E em nossa compreensão é impossível ser bênção sem experimentá-la antes na vida. E é justamente isso que Deus faz na vida de um homem.

Novamente Piper nos diz:

“(...) Mas louvor é também o combustível de missões. Paixão por Deus no louvor precede a pregação oferecendo Deus aos outros. Não é possível recomendar aquilo que não é valorizado.”¹²

A questão de comunicar Deus ao homem sempre foi um grande problema, quando a Igreja não sabia exatamente o que comunicar. Isso, não em termos de mensagem, mas em termos de vida. Não estamos falando em termos de teoria, mas de motivação de vida. Onde não há vida com Deus não poderá haver vida em Deus.

Caio Fábio num sermão intitulado, *Jonas o Sucesso do Fracasso* (VINDE, 1995), disse que o problema muitas vezes do Líder é que ele está preso demais aos padrões institucionais e isso limita-o no relacionamento com Deus. O exemplo que ele dá é o de Davi quando dança após ter trazido a arca para Jerusalém e é questionado por sua mulher, dizendo que isso não é papel de rei. Ou seja a expressão de Louvor a Deus foi reprimida por uma preocupação maior com o padrão que a Instituição exigia (II Samuel 6).

Diante de todas estas considerações é mister uma Teologia Bíblica de Missões que seja fruto de um desejo intenso de levar as nações a glorificar o nome de Deus e mais que isso, fruto de um povo que adora, glorifica o Senhor.

Deus precisa fazer parte, não apenas do coração do homem, mas dos conceitos do mundo, da forma de ver, pensar e por que não de projetar. Nem sempre é fácil. O primeiro passo, no entanto, começa com a compreensão da Igreja, com seus conceitos e sua motivação estruturadas nos princípios bíblicos.

Cabe também ao pastor, evangelista, missiólogo, missionário e a própria Igreja assumir um papel não de meros repetidores de

¹² *Ibid.*, pg. 11

informações, mas e pelo contrário, comunicadores da Graça de Deus. Comunicação envolve mais que ideias teóricas e maravilhosamente concebidas. Comunicação envolve vida. E vida, como sabemos, torna-se abundante com Jesus e na presença de Deus.

Søren Kierkegaard¹³ dizia que Cristo se servia das circunstâncias exteriores menos significativas para expressar as mais profundas consequências de sua doutrina. Isso era como uma sátira aos filósofos que usavam toda uma pompa em seus discursos para expressar causas insignificantes.

Não podemos repetir esses erros. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUTLER, Jason. *A Biblical Theology OF Missions. Cópia Experimental*, 1998.
2. CARRIKER, Timóteo. *Missão Integral da Igreja, uma teologia Bíblica. Sepal*. São Paulo: 1992.
3. CARSON, D. A. *The Gospel According to John. Eerdmans, Usa*: 1992.
4. COPELAND, E. *Luther. El Cristianismo Y Otras Religiones. Casa Bautista de Publicaciones*: 1977.
5. KIERKEGAARD, Søren. *Diário íntimo. Buenos Aires: Santiago Rueda*, 1995.
6. LIMPIC, Ted. *Valioso Demais Para Que Se Perca. William D. Taylor*

¹³ KIERKEGAARD, Søren. pg. 64

(Ed). Londrina: Descoberta Editora, 1998.

7. NAISBITH, John. **Megatrends 2000** /John Naisbitt, Patrícia Aburdene. São Paulo: Amana-Key, 1990.
8. PATE, Larry D. **Missiologia a missão transcultural da Igreja**. Ed. Vida, Miami, 1987.
9. PETERS, George W. **A Biblical Theology Of Missions**. Moody Press, USA: 1981.
10. PIPER, John. **Let The Nations Be Glad! The supremacy of God in Missions**. Baker Books, USA: 1995.
11. RICHARDSON, Alan. **Apologética Cristã**. JUERP. Rio de Janeiro.
12. SANCHO, Ivana Maria (org.) **Para Uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
13. UBALDI, Pietro. **A Nova Civilização do Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1982. ■